

CAPÍTULO 5

EMOÇÕES

Elza Maria Techio
Sonia Maria Guedes Gondim
Jonatan Santana Batista
Beatriz Hessel

O que são emoções sociais e morais? O que as diferenciam das emoções básicas?

O que seriam emoções grupais? O que diferenciaria emoções intragrupais de emoções intergrupais e culturais? Quais relações podem ser estabelecidas entre emoções grupais, preconceitos e estereótipos? Quais os impactos das emoções, emoções intergrupais nas diversas formas de comportamento social? De que modo as emoções coletivas se manifestam na formação de uma cultura da paz ou do conflito?

INTRODUÇÃO

As imagens amplamente divulgadas nos meios de comunicação do assassinato de George Floyd, asfixiado por um policial branco nos Estados Unidos, em maio de 2020, produziram um compartilhamento de emoções coletivas em várias partes do mundo. Emoções relacionadas à tristeza, indignação e revolta motivaram mobilizações coletivas de protestos contra o racismo e a violência policial. Protestos que se iniciaram de forma pacífica e resultaram em mais violência com pessoas presas, feridas e mortas por armas de fogo. Casos semelhantes ao de Floyd também foram observados no Bra-

sil, como o assassinato de Pedro Henrique Gonzaga em fevereiro de 2019, João Alberto Silveira Freitas em novembro de 2020, Moïse Kabagambe, imigrante congolês em janeiro de 2022, embora com menos impacto emocional coletivo. Esses e outros casos retratam o quanto eventos específicos (violência, catástrofes, acidentes, atentados, conquistas coletivas etc.) são capazes de ativar emoções individuais e coletivas, mediante o processo de identificação que motiva e mobiliza comportamentos e ações coletivas. Iremos tratar dessas questões ao longo do capítulo a partir da perspectiva da psicologia social (para uma revisão sobre as bases epistemológicas e ontológicas da disciplina, veja o Capítulo 1 deste Manual). Iniciaremos o texto definindo e caracterizando emoções.

Emoções sociais, morais, grupais e coletivas: relações com o comportamento social

5.1 EMOÇÕES NA PSICOLOGIA SOCIAL

Desde os seus primórdios, a psicologia social se dedica a estudar as relações entre os indivíduos, a sociedade e a cultura. A definição clássica de Allport (1935, 1968), e ainda utilizada em manuais atuais, caracteriza a psicologia social como um campo de estudos, cujo objetivo é compreender e explicar como a presença real, imaginada ou implicada de outras pessoas influencia os pensamentos, os sentimentos e o comportamento humano. Essa caracterização evidencia a influência social mútua entre indivíduo e sociedade (Morales & Moya, 2007; Sabucedo & Morales, 2015).

O interesse pelo estudo das emoções na psicologia social tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, em parte pelo reconhecimento de sua importância na regulação e determinação do comportamento humano. As emoções cumprem um papel relevante na adaptação do indivíduo em diversos contextos (trabalho, familiar, social etc.), e nos processos de interação, cooperação e conflito em múltiplos níveis (intrapessoal, interpessoal, intragrupal e intergrupar). Enfim, as emoções se mostram centrais na interpretação e avaliação cognitiva dos acontecimentos e situações, e também na construção de repertórios comportamentais individuais e coletivos (Frijda, 1986; Mackie, Devos, & Smith, 2000).

Funções das emoções

Existe relativo consenso entre os estudiosos sobre as funções das emoções (Lopez-Zafra & Rodriguez, 2015). Para Darwin (1859), as emoções foram fundamentais na adaptação e sobrevivência da espécie humana. Para Damásio (1994, 2000), as emoções são respostas naturais que produzem comportamentos imediatos, sendo decisivas para a interação humana. Na perspectiva de Reeve (2009), as emoções teriam três funções: adaptativa, motivacional e social. Adaptativa por preparar o organismo para manejar de modo eficaz as diversas situações cotidianas; a motivacional por energizar e direcionar o comportamento; e a social por comunicar o estado emocional e afetivo, com implicações nas relações sociais.

Para Izard (2010), as emoções cumpririam as seguintes funções, assim resumidas: a) Atuam como motivadoras da cognição e da ação para guiar e coordenar o engajamento do indivíduo no ambiente físico e social; b) Aumentam (ou diminuem) a saliência de um evento para facilitar respostas adaptativas; c) Interrompem/alteram a atenção, a direção das respostas e o processamento cognitivo; d) Comunicam socialmente estados afetivos internos; e e) Influenciam os processos de avaliação, automonitoramento e autodesenvolvimento.

As funções das emoções também podem ser descritas conforme o contexto cultural e níveis de análise: a) No nível individual, proporcionam experiência subjetiva; b) No nível interpessoal, transmitem informações sobre o estado emocional pessoal aos outros; c) No nível grupal, ajudam a definir os papéis sociais e a identidade social, favorecendo o compartilhamento de sentimentos intragrupo e intergrupo; e d) no nível cultural, cumprem a função de compartilhar sentimentos e afetos que unem um coletivo, dando apoio a uma visão de mundo (ver Figura 1) (Fischer & Mansted, 2008; Frijda, Kuipers, & Ter Schure, 1989; Keltner & Haidt, 1999; Menges & Kilduff, 2015).

| Função das emoções em função do nível de análise | |
|--|--|
| Nível | Função |
| Individual | Preparar para a ação |
| | Sistema de alerta |
| Interpessoal | Mostrar estados mentais |
| | Recompensar ou castigar ações prévias |
| | Evocar comportamentos complementares ou recíprocos |
| Grupal | Definir os limites dos grupos |
| | Motivar a ação coletiva |
| | Definir papéis sociais e identidades |
| Cultural | Definir a identidade cultural |
| | Identificar normas e valores |
| | Materializar ideologias culturais e a estrutura de poder |

Figura 1 – Esquematisação níveis de análise e funções das emoções (baseado em Lopez-Zafra & Rodríguez, 2015, p. 86).

Depreende-se que as emoções, sejam elas individuais, interpessoais, grupais ou coletivas, são importantes mecanismos que produzem sentidos, significados e vínculos, que mantêm a pessoa em contato com a realidade, motivando os comportamentos e regulando as interações sociais. Essa regulação ocorre em virtude do conteúdo, da qualidade e da intensidade das emoções cultivadas no decorrer do processo de socialização, o que evidencia a importância da aprendizagem social. As emoções positivas e negativas dirigidas a outras pessoas (interpessoal e grupal), por exemplo, contribuem ora para maior aproximação, favorecendo a cooperação, ora para o distancia-

mento e/ou evitação. Isso gera impactos na capacidade de sermos solidários e fraternos ou na emergência de conflitos interpessoais, intragrupais e intergrupais.

As emoções, portanto, são essenciais para o entendimento dos vários processos estudados pelos psicólogos sociais, dentre os quais destacamos a persuasão, a percepção social, as atitudes, a influência social, o preconceito (atitudes, influência social, preconceito e conflitos sociais serão temas aprofundados, respectivamente, nos Capítulos 4, 7, 10 e 12 deste Manual), a discriminação, o racismo, a cooperação e os conflitos grupais. É importante considerar que os fenômenos sociais vêm acompanhados de uma carga afetiva, compartilhada em maior ou menor grau entre os membros de uma coletividade ou grupo social, com efeitos no seu modo de ser, pensar e de agir.

5.2 CONCEITUANDO E CARACTERIZANDO AS EMOÇÕES

A dicotomia entre razão e emoção já se encontrava presente no pensamento de filósofos desde a Antiguidade (e.g., Platão, Aristóteles e Descartes), sendo a razão entendida como uma dimensão cognitiva e a emoção como uma dimensão avaliativa (Gondim, Loiola, & Borges-Andrade, 2021; Konstan, 2000; Oliva et al., 2006). Apesar de serem consideradas inerentes à vida humana, as emoções mostram-se como um fenômeno complexo. Isso se deve em parte a sua manifestação global, ao contrário da razão e da cognição que inclui processos específicos, como pensamento, percepção, linguagem e raciocínio (para uma revisão sobre Cognição Social, veja o Capítulo 3 deste Manual).

Essa visão dissociativa e dicotomizada entre emoção e razão foi sendo substituída por uma concepção mais integradora, após descobertas da estreita relação entre cognição e emoção (Damásio, 1994; Lazarus, 1984; Zajonc, 1984; Lopez-Zafra & Rodriguez, 2015). Mostra-se claramente como um processo integrativo e avaliativo de uma situação, que contribui para qualidade, intensidade e diferenciação das experiências emocionais.

As emoções manifestam-se de maneira múltipla (Vikan, 2017), variando em termos de duração, natureza, qualidade, nível de manifestação emocional e complexidade (Damásio, 2006; Ekman, 2003; Ekman & Cordaro, 2011; Harris, 1996). Quanto à duração, ela pode ser curta ou longa. A raiva momentânea oriunda de uma frustração, o medo frente a um barulho desconhecido, a vergonha diante de uma plateia e a surpresa diante de um evento inesperado seriam exemplos do primeiro tipo. A emoção (ou estado afetivo) de longa duração geralmente é desencadeada por eventos com maior poder de repercussão no indivíduo, como por exemplo a culpa resultante da consciência de ter se comportado de modo reprovável, o desprezo decorrente da percepção de inutilidade e inferioridade de uma pessoa, e a tristeza como resposta ao sofrimento profundo diante da incapacidade de solucionar um problema.

No que tange à natureza, as emoções podem ser de dois tipos: primárias (raiva, tristeza, medo, alegria, nojo), mais facilmente identificáveis por expressões faciais, e as emoções consideradas secundárias (orgulho, elevação moral, gratidão), decorren-

tes de processos de aprendizagem social e autoconscientes. As emoções também podem ser divididas em simples e complexas. As primeiras são facilmente reconhecidas pelas expressões faciais, como a alegria, a tristeza, o medo e a raiva, ao contrário das complexas, como a culpa e o orgulho, dificilmente identificadas pelas expressões faciais e que demandam maior processamento cognitivo.

Em termos de qualidade, as emoções se dividem em positivas (alegria, felicidade) e negativas (medo, ansiedade, raiva), embora se reconheça que a qualidade positiva ou negativa de uma emoção dependa da situação. A tristeza, muitas das vezes considerada uma emoção negativa, quando ativada por uma perda é adaptativa e positiva para a elaboração do luto, assim como o medo protege dos riscos que ameaçam a sobrevivência. Do ponto de vista do nível, as emoções se manifestam individualmente, sendo próprias de cada pessoa; no nível grupal, em que estão em jogo emoções decorrentes do pertencimento ao grupo ou a elas relacionadas, e finalmente no nível coletivo, mediante estados afetivos mais generalizados e dirigidos à coletividade (manifestação de torcidas, rituais de celebração etc.).

Essa complexidade do fenômeno emocional torna desafiadora a tarefa de obter uma definição consensual de emoção, o que ficou evidenciado em estudos, como o de Kleinginna e Kleinginna (1981), em que 92 definições de emoção foram apresentadas pelos cientistas. Tais definições contemplavam: i) aspectos fisiológicos (alteração cardíaca, tensão muscular); ii) características dos estímulos (externos/internos); iii) expressividade das emoções; iv) efeitos ou consequências (adaptativos/desadaptativos); e v) características diferenciadoras de outros processos mentais, como cognição, afeto, sentimentos, humor e motivação. De forma similar, Izard (2010) também tentou sistematizar as definições adotadas pelos cientistas, encontrando grande variedade: i) sistemas neurais delicados; ii) sistemas de respostas; iii) sentimentos ou estados de sentimentos; iv) comportamentos expressivos orientados por sistemas de sinalização; v) estados ativados por avaliação cognitiva; e vi) interpretações cognitivas de um estado de sentimentos. Efetivamente, podemos dizer que as emoções são estados temporários, direcionadas a um objeto, ou seja, têm um foco definido e não são neutras, são respostas avaliativas (Guedes & Gondim, 2020).

Conforme se pode depreender, apesar de não haver consenso dos limites conceituais das emoções, os teóricos tendem a convergir sobre suas funções, formas de ativação e regulação emocional (Gondim, 2019; Gondim & Álvaro, 2010; Izard, 2010), destacando sua importância na vida cotidiana das pessoas, seja no comportamento pessoal e/ou social, adaptativo e/ou desadaptativo, funcional e/ou disfuncional (Gondim, Pereira et al., 2015), sem deixar de lado a importância da cultura (Averill, 1980, 1994; Canto, Pereira, & Álvaro, 2021; Fernández-Abascal, Rodríguez, Sánchez, Díaz, & Sánchez, 2010; Keltner & Haidt, 1999; Lazarus, 1991; Roazzi, Dias, Silva, Santos, & Roazzi, 2011; Tamir et al., 2016).

Embora as emoções sejam sentidas e expressas pelo indivíduo, não significa que sua natureza e manifestação ocorra apenas no nível individual, como já assinalamos anteriormente. Cada sociedade tem um conjunto próprio de repertórios emocionais que se incorpora mediante processos de aprendizagem social desde a infância e que

impacta na maneira como se reage a diversos eventos individuais ou coletivos (Alastuey, 2002). No nível individual, a pessoa pode sentir tristeza diante da perda de seu animalzinho de estimação, mas nada impede que este sentimento seja compartilhado socialmente diante da morte de muitos animais por abandono dos donos ou maus tratos. Emoções coletivas (que extrapolam os limites do grupo) também ajudam a explicar a tristeza vivida por inúmeros brasileiros diante da derrota, de 7 a 1, da seleção brasileira para a seleção alemã na Copa do Mundo de futebol em 2014 e a alegria em 2002 quando o Brasil venceu a Copa do Mundo de futebol. As emoções servem ainda de guias internos e funcionam como sistemas comunicativos (Damásio, 1994, 2000) e reguladores do comportamento (Lopez-Zafra & Rodríguez, 2015).

Essa compreensão de que as emoções seriam estados afetivos cumpre uma dupla função, a adaptação da espécie e a adaptação cultural, que parece sustentar alguns modelos de classificação das emoções. Isso fortalece o argumento de que as emoções não seriam fenômenos unicamente intrapsíquicos, mas seriam comuns à espécie e estariam relacionadas também a significados socialmente construídos e compartilhados.

5.3 CLASSIFICAÇÃO DAS EMOÇÕES

Muitas são as discussões e as controvérsias sobre a classificação das emoções. Existem questionamentos se as emoções são herdadas ou aprendidas, universais ou contextuais, biológicas ou sociais. O que se têm são vertentes teóricas sobre a causalidade, por um lado, temos a que dá suporte à teoria darwiniana que enfatiza as formas biológicas e universais, herança dos nossos antepassados e por outro lado, a que defende que as emoções são sociocognitivas, experiências e comportamentos aprendidos, dependentes de variáveis contextuais e culturais, portanto, sociais. Uma das classificações bastante difundida é a que divide emoções em primárias (biológicas) e secundárias (aprendidas) (Damásio, 2006; Ekman, 2003; Leyens et al., 2000).

5.3.1 EMOÇÕES PRIMÁRIAS

As emoções primárias (básicas), são consideradas naturais, inatas, universais e vitais para a sobrevivência, estando atreladas a processos neurais e fisiológicos específicos. As emoções primárias aparecem no início da vida, em sua origem, pouco influenciadas por variáveis culturais e contextuais.

Em geral, os autores mencionam haver seis emoções primárias: alegria, tristeza, medo, surpresa, nojo e raiva (Damásio, 2006; Ekman, 2003; Ekman, Friesen, & Ellsworth, 1972). Cada uma delas cumpre uma função determinada e está associada a expressões faciais e corporais específicas que têm a função de comunicar estados internos (Fernández-Dols & Crivelli, 2013; Guedes & Gondim, 2020).

A tristeza, geralmente é ativada quando uma situação considerada desejável deixa de ocorrer, revela desamparo e sofrimento. Sua expressão faz com que a outra pessoa

(observador) se aproxime no intuito de dar conforto. Isso porque a pessoa triste exibe baixa tonicidade muscular no rosto e, em geral, denuncia-se pelo olhar cabisbaixo. A tristeza, além de ser importante na capacidade de autorreflexão, exerce uma função de apoio social (Ekman, 2003; Plutchik, 2001).

A alegria, geralmente ativada mediante uma conquista ou ganho de algo desejado, também cumpre uma função de aproximação social. A pessoa alegre sorri e mostra-se expansiva e comunicativa, contribuindo para comportamentos afiliativos, fortalecendo os relacionamentos e os laços da comunidade (Ekman, 2003; Plutchik, 2001; Vikan, 2017).

A raiva é facilmente identificável no rosto de uma pessoa pela tensão facial (Ekman, 2003; Plutchik, 2001; Vikan, 2017). Ela cumpre a função de enfrentamento (ataque) e de defesa. A ativação da raiva pode decorrer de frustração, agressão e/ou percepção de um ato de injustiça praticado contra o indivíduo ou grupo do qual é parte, e expressa descontentamento, insatisfação e revolta.

O medo, importante emoção para a sobrevivência, surge diante de uma situação de ameaça, de perigo e de vulnerabilidade, cuja função primária é proteger o indivíduo ao levá-lo a evitar o perigo por meio da evasão ou fuga. Ao manifestar medo, a pessoa abre bem os olhos e a boca e eleva as sobrancelhas.

O nojo é uma experiência de aversão e repugnância ativada por um estímulo repulsivo e indesejável. Cumpre uma função de rechaço, que serve para produzir respostas de evitação. Geralmente, a pessoa tende a franzir o nariz, rebaixar as sobrancelhas, erguer as pálpebras inferiores e as bochechas, o que leva à contração dos lábios (Ekman, 2003; Plutchik, 2001; Vikan, 2017).

A surpresa é ativada diante de um evento inesperado, novo ou repentino, o que induz a uma pausa momentânea das atividades em curso como estratégia de organizar e orientar os pensamentos para enfrentar novos desafios. Sua função é preparar o indivíduo para explorar novas experiências. É uma emoção que dura poucos segundos e tende a se associar com outras emoções. Sua expressão é muito similar ao medo, variando apenas por não vir acompanhada de levantamento das pálpebras inferiores, abertura da boca e do franzir da testa (Ekman, 2003; Ekman & Cordaro, 2011; Lopez-Zafra & Rodriguez, 2015; Miguel, 2015; Plutchik, 2001; Vikan, 2017).

Ainda que se reconheça que a capacidade de expressar as emoções primárias é explicada por causas biológicas, fruto da evolução, presente em todos os povos e culturas desde a mais tenra idade (Ekman, 2003), é difícil negar que não são atravessadas pela influência do contexto cultural e da experiência de vida na sua ativação, expressão e controle (Chen & Jack, 2017; Gendron, Roberson, van der Vyver, & Barrett, 2014). A perda de um ente querido, por exemplo, provoca tristeza, porém, a forma de expressá-la sofre influência de padrões culturais. Por exemplo, algumas culturas (ex. Estados Unidos) estimulam mais a expressão de emoções e sentimentos negativos que outras (ex. Japão) (Markus & Kitayama, 1994).

5.3.2 EMOÇÕES SOCIAIS

As emoções primárias, aquelas ativadas automaticamente diante de um estímulo e de curta duração, são intensas, mais perceptíveis, diferenciando-se entre si em termos de qualidade. No entanto, ao se mesclarem dão origem a outras emoções, denominadas de emoções secundárias ou sentimentos, que se caracterizam por serem mais complexas, mais longas, menos intensas e menos visíveis porque nem sempre conseguem ser expressas facial e corporalmente. Envolvem necessariamente processos cognitivos e, conseqüentemente, julgamento autoconsciente, sendo evocadas pela autorreflexão e autoavaliação (Vikan, 2017; Leyens et al., 2000).

As emoções secundárias (ou sentimentos) agrupam aquelas emoções caracterizadas como sociais, ao envolverem processos cognitivos e de aprendizagem social, como o orgulho, a vergonha, o remorso, a inveja, o ciúme e a culpa (Damásio, 2006; Ekman, 2003; Ekman & Cordaro, 2011; Leyens et al., 2000). Pelo processo de socialização aprendemos a relacionar estados afetivos a regras e costumes específicos de uma coletividade como forma de adequação e ajustamento social (Damásio, 2006; Fernández & Correia, 2007) (para uma revisão sobre socialização, veja o Capítulo 11 deste Manual). Desse modo, aprendemos que o orgulho é um estado afetivo-emocional relacionado a eventos em que somos bem-sucedidos e elogiados. Aprendemos que a vergonha é um estado afetivo que pode nos acometer quando somos flagrados executando um comportamento inapropriado, ou seja, comportamento que viole uma norma social, como por exemplo, jogando lixo em um espaço público com uma lixeira ao lado. A culpa é um sentimento relacionado ao remorso e aceitação da responsabilização de um ato que viole os padrões morais, por exemplo, não agir diante de uma cena em que uma mulher é agredida fisicamente por um homem.

Esses estados afetivos (sentimentos) aprendidos socialmente podem ser dirigidos a si mesmo, ao grupo de pertencimento e a outros grupos com nítidos impactos na qualidade das interações interpessoais, intragrupais e intergrupais e dependem dos padrões culturais. Sociedades regidas por princípios individualistas, que priorizam a independência dos indivíduos, cuja responsabilização dos atos e comportamentos recaem sobre o indivíduo, o orgulho pessoal e a culpa são valorizadas, ao passo que a vergonha e o orgulho coletivo são valorizadas em culturas coletivistas, que priorizam a dependência grupal e a conformidade (Markus & Kitayama, 1994; Vikan, 2017).

5.3.3 EMOÇÕES MORAIS

As emoções morais também se inserem no grupo das emoções secundárias e sociais. Caracterizam-se como morais quando envolvem afetos associados à aprovação ou reprovação da conduta pessoal ou alheia, e também dos membros do grupo. No primeiro caso, as emoções morais buscam contribuir para comportamentos prescritivos (respeito aos demais, solidariedade para aqueles que sofrem, compaixão pelo outro etc.) e no segundo caso, procuram ativar comportamentos morais proscritivos, isto é, que inibem condutas inapropriadas e reprováveis do ponto de vista moral (culpa por ter violado uma regra moral, medo da reprovação futura do grupo, vergonha

por ter sido flagrado infringindo uma norma moral do grupo etc.) (Dasborough, Hannah, & Zhu, 2019). São consideradas também emoções autoconscientes, porque se mostram relacionadas ao sentido do eu, um *self*, capaz de refletir sobre si mesmo e sobre o sofrimento alheio. Tais emoções estão na base do julgamento moral e da regulação da ação moral (Haidt, 2003). São oriundas de avaliações e da internalização dos valores, normas e critérios culturais estabelecidos para o comportamento social (para uma revisão sobre valores, veja o Capítulo 6 deste Manual).

O orgulho, a vergonha, a inveja, a culpa e o constrangimento podem ser denominadas emoções morais por envolverem avaliação do descumprimento de regras e normas de conduta socialmente estabelecidas (Lewis, Sullivan, Stanger, & Weiss, 1989). A culpa moral, por exemplo, envolve a avaliação de ser responsável ou ter causado uma ação moralmente reprovável, cuja função é regular os comportamentos em conformidade com as normas éticas. Tal experiência gera tensão, remorso e arrependimento por ter violado um acordo, princípio ou valor que impulsiona a pessoa a reparar o dano. A vergonha moral é gerada pela rejeição ou pela percepção de fracasso pessoal, e pode vir acompanhada de sentimentos de incompetência e desvalorização. A pessoa, quando vivencia a vergonha, sente-se exposta e por consequência tende a se retirar, escapar ou esconder (Ekman & Cordaro, 2011; Vikan, 2017). Nesse sentido, ações de fuga são impulsionadas pela vergonha e ações reparadoras pela culpa, mas ambas inibem a manifestação de comportamentos considerados amorais (ausência de senso moral) e imorais (comportamentos contrários à moral).

5.4 DIFERENÇAS ENTRE EMOÇÕES BÁSICAS, SOCIAIS E MORAIS

As emoções secundárias se distinguem das emoções básicas por serem produto das diversas etapas do desenvolvimento humano, social e cultural, demandando mobilização de processos psicológicos mais complexos, como o domínio do simbolismo, da linguagem e do pensamento reflexivo (Damásio, 2006; Ekman, 2003; Ekman & Cordaro, 2011; Lewis, 2000; Leyens et al., 2000). Ainda que se reconheça que as emoções básicas envolvam também algum tipo de aprendizagem, mostram-se mais fortemente associadas aos processos da evolução humana por intermédio da interação com o meio e a adaptação da espécie humana a novas condições ambientais. Nossos ancestrais, por exemplo, não dispunham de muitos recursos de linguagem verbal e necessitavam usar expressões faciais e movimentos corporais específicos para se comunicarem com os demais e assim sinalizar a necessidade de se afastarem de alimentos que ameaçassem a vida humana (nojo), atemorizassem o inimigo (raiva), atraíssem o parceiro (alegria) e sensibilizassem o outro (tristeza), cumprindo uma função adaptativa e de sobrevivência.

As emoções sociais e morais exigem aprendizagem mais complexa, pois mais do que a expressão facial, incluem experiência emocional, não estando restritas à imitação e à herança filogenética. Além disso, demandam processos psicológicos superiores, como a capacidade de refletir e de julgar os pensamentos, e os comportamentos pessoais e de outrem (Etxebarria, 2010, 2020).

No que tange às relações entre emoções morais e sociais, embora haja muitas semelhanças, uma emoção moral será certamente uma emoção social, mas o contrário nem sempre se aplica. Ainda que ambas se sustentem em um sistema de valores, como normas e crenças compartilhadas, e dependam da aprendizagem na interação social, as emoções morais envolvem discernimento do que seria aceitável ou inaceitável, certo ou errado para si e para o outro, seguindo um modelo prescrito de conduta. As emoções morais atendem a uma função social, porque zelam pelo respeito à regra, preservando a justiça e a integridade das relações entre as pessoas. As emoções morais, portanto, seriam aqueles estados afetivos direcionados para o bem-estar coletivo, mesmo que o indivíduo, de alguma forma, beneficie-se de tais estados emocionais. Assim sendo, as emoções morais ultrapassariam os meros interesses e bem-estar pessoal (Haidt, 2003; Etxebarría, 2020).

Algumas das emoções morais se revelam mais claramente dirigidas aos outros, enaltecendo-os ou condenando-os por seus atos, como o contentamento, a gratidão, o desgosto e a raiva, neste último caso quando associada à reparação de violações morais. Mas alguns poderiam indagar, a emoção moral não poderia ser dirigida a si mesmo? Certamente que sim (Haidt, 2003). Isso ocorre mediante uma instância reflexiva que avalia as condutas e ações pessoais como um observador externo da conduta alheia, à semelhança do outro generalizado de Mead (1934). Essa instância, denominada *self* moral (Blasi, 1983), atua como interlocutor interno representando o “eu social” geral (normativo) em diálogo com o “eu empírico” (minhas experiências pessoais particulares). O *self* moral tem um papel central na articulação e integração de cognições, afetos e volições, envolvendo julgamentos sobre o que é certo e/ou errado pensar ou fazer. Trata-se de um *self* coletivo e social, não um *self* personalista (Gondim, 2020; Jennings, Mitchell, & Hannah, 2014). O *self* moral, que assegura a integridade para agir moralmente, funcionaria como um precursor da identidade moral caracterizada pela incorporação do valor moral no autoconceito (Kingsford, Hawes, & Rosnay, 2018). Em outras palavras, a moralidade seria um atributo da pessoa (incorporação de valor) que se expressaria por meio da manifestação pública (simbolização) de comportamentos morais em relação a si e aos demais (Krettenauer & Casey, 2015). Um estudo de metanálise traz evidências robustas de que a identidade moral está fortemente associada à empatia e à compaixão como traços pessoais, e fracamente associada ao desgosto, desprezo e nojo para com as outras pessoas (Lefebvre & Krettenauer, 2019).

Dadas as fortes inter-relações entre emoções morais e sociais vamos dar mais alguns exemplos para melhor compreensão de suas especificidades. Conforme havíamos dito, as emoções morais podem assumir um caráter moral quando envolvem um tipo de julgamento de aprovação (respeito pelo outro, compaixão pelo sofrimento alheio, elevação pelo ato nobre de outra pessoa etc.) ou reprovação (causar danos ou desrespeito a si e aos demais etc.). O orgulho pelo êxito pessoal ou alheio é um estado afetivo aprendido e valorizado em algumas culturas e sociedades. Ele pode ser considerado uma emoção social central em algumas culturas, sendo importante no desenvolvimento da autoestima e do autoconceito da criança para estabelecer, no futuro, relações interpessoais mais equitativas. Entretanto, o orgulho poderia ser caracteriza-

do como uma emoção moral relacionado à reprovação se estivesse sendo manifestado em uma situação em que o êxito pessoal significasse a derrota ou dano ao outro. Nesse caso, o orgulho deixa de ser visto apenas como uma emoção social que contribui para o desenvolvimento humano e passa a exigir um nível de implicação moral, porque o orgulho apoiado no desrespeito ao outro, leva o outro a um tipo de humilhação, o que seria condenável.

Outro exemplo é a vingança. Trata-se de um estado afetivo de forte intensidade dirigido a alguém ou membros representativos de grupos sociais que acreditamos ter nos causado algum dano. Pode ser definida como uma emoção social negativa, pois ações de vingança geralmente levam ao aumento da violência. Ao analisarmos do ponto de vista da moral, não obstante, a vingança pode ser entendida como uma estratégia educativa emocional para que o jovem aprendiz perceba que embora essa emoção possa ser plenamente justificada por ocorrências anteriores, pode ter consequências negativas (violência), advindas do esforço em se buscar reparação de uma injustiça e, portanto, ser reprovável do ponto de vista moral.

Além de serem aprendidas ao longo do processo de desenvolvimento humano e social, as emoções sociais podem ser explicadas a partir do posicionamento na estrutura e dinâmica social. De acordo com Kemper (1978), o *status* e o poder seriam responsáveis por desencadear determinadas emoções sociais, incluindo as de cunho moral. A culpa, por exemplo, é mais facilmente desencadeada na condição de a pessoa se perceber em uma posição de poder e abusar dele. Isso não significa que somente nessa condição a culpa se manifeste, mas na perspectiva teórica do autor há maior propensão a experimentar culpa quem ocupa uma posição privilegiada. Um político ao desviar dinheiro público, em tese, estaria propenso a sentir culpa por usar e abusar indevidamente de sua posição, prejudicando seriamente a população em benefício próprio. A propensão decorre justamente por ocupar uma posição de poder que o permite decidir o que fazer (desviar dinheiro público ou não). É essa condição de liberdade em uma posição de poder que torna o ato moral (aprovável ou reprovável).

A vergonha cumpre uma função adaptativa e funcional quando permite o desenvolvimento saudável nas relações interpessoais. Surge quando a pessoa se sente ameaçada e gera sentimentos de rejeição e crítica. Pode se manifestar como uma emoção social positiva, por exemplo, quando reconhecemos nossos limites e habilidades e evitamos nos expor à situações que os deixariam mais visíveis. Nesse caso, a vergonha protegeria a nossa autoimagem e poderia nos impulsionar a buscar mecanismos para tentar suprir algumas lacunas. A vergonha se reveste de um caráter moral mais nitidamente, quando entra em jogo o discernimento da violação das normas de transgressão da lei, o que afeta a reputação da pessoa.

A culpa, por exemplo, tende a levar as pessoas a perceberem que os pensamentos e ações violam os padrões morais e carregam significativa responsabilidade por tal violação, o que gera sofrimento intrapsíquico, conflito e remorso, e em muitas situações comportamentos virtuosos, como pedidos de desculpas, restauração de laços de confiança e de reparação. Ao contrário, a baixa capacidade de sentir culpa está associada à falta de empatia para com o sofrimento alheio e o distanciamento do outro (Teroni & Bruun, 2011).

A raiva pela injustiça contra alguém, o nojo por atos desonestos e a vergonha por ter cometido algo ilícito são alguns exemplos que geram tendências de ação, como lutar pela reparação ou minimização do dano e defender regras mais duras para orientar e controlar condutas. Em doses elevadas, todavia, a raiva/ira inibe o raciocínio e aumenta a agressividade. O nojo, outra emoção básica associada à percepção de coisas sujas (Plutchik, 2001), pode assumir um caráter social, ao indicar reações a grupos sociais (Cameron, Payne, & Doris, 2013) e assumir-se como emoção moral (reprovável) quando associada ao preconceito, racismo, machismo, homofobia, xenofobia etc. Manifestações de preconceito e de discriminação, por exemplo, podem despertar no observador sentimentos de nojo e repulsa por se acreditar serem reprováveis do ponto de vista moral, causando muitos danos para as pessoas e impedindo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em síntese, as emoções sociais são mais complexas que as emoções básicas, uma vez que dependem do desenvolvimento de certas habilidades cognitivas, como o pensamento, a autoconsciência ou noção do eu e dos demais. Depende ainda da avaliação da relevância do objeto ou evento social. Tornam-se morais ao aderirem a padrões culturais, convenções sociais, normas e valores que estabelecem critérios de julgamento sobre a ação correta e aceitável, diferenciando-a da reprovável. Ambas, emoções sociais e morais, cumprem funções adaptativas, uma vez que alinham os comportamentos emocionais às situações, comunicam estados emocionais que ajudam na descrição e prescrição das condutas, atuando ainda como motivadoras e reguladoras dos comportamentos sociais e das tendências de ação para preservar o bem comum e a vida em sociedade.

5.5 EMOÇÕES COMPARTILHADAS EM GRUPO OU EMOÇÕES BASEADAS NO GRUPO

As emoções grupais são emoções sociais que têm lugar no contexto das inter-relações que se estabelecem em um dado grupo social. São aqueles sentimentos e estados afetivos que emergem do grupo ou em grupo (Menges & Kilduff, 2015). Caracterizam-se por influenciarem e serem influenciadas pela pertença grupal, auxiliando nas avaliações que o indivíduo faz de si mesmo e do outro, dos membros do próprio grupo e do outro grupo.

Essas emoções são relevantes na avaliação positiva ou negativa de situações intergrupais (Canto, Pereira, & Álvaro, 2021; Menges & Kilduff, 2015), gerando efeitos no tipo de interação com os membros de outro grupo. Sendo assim, é preciso considerar que as emoções grupais abarcam aquelas emoções compartilhadas pelos membros do grupo, com efeitos nas emoções intergrupais e no comportamento social.

Autores que se centram nos estudos das relações intergrupais destacam que nos processos de identificação com os grupos sociais (Tajfel, 1974) e na autocategorização¹

1 Autocategorização: A teoria da autocategorização (Turner et al., 1987) postula que as pessoas categorizam a si mesmas em distintos níveis de abstração. A pessoa alterna entre a identidade individual (características idiossincráticas pessoais) e uma identidade social (similaridades com membros de um grupo ou categoria). A pessoa pensa em si em situações como “eu” em oposição a “ele/a” e em outras situações pensa em “si” como “nós” em oposição a “eles/elas”.

(ver Capítulo 10) (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987), as emoções grupais são fundamentais, pois motivam e orientam os pensamentos e as ações dos membros do grupo. Quando essas emoções estão ajustadas e compatíveis com o prescrito nas normas grupais, mostram-se mais funcionais contribuindo para a qualidade das interações sociais (Smith, 1993; Smith & Mackie, 2016).

Assim como os atributos pessoais e individualizadores são importantes para a identidade pessoal, o sentimento de pertencimento a um determinado grupo faz com que o indivíduo incorpore em sua identidade os elementos que caracterizam o grupo. Esse senso de pertencimento grupal, acrescido da afetividade positiva que está intimamente ligada ao entorno e ao significado atribuído a esta pertença, constitui o que podemos denominar de identidade social (compartilhada entre os membros de um determinado grupo) que se torna saliente principalmente em situações nas quais se faz necessário reafirmar a especificidade de um grupo, diferenciando-o dos demais (Fischer & Manstead, 2016).

Existem ao menos duas perspectivas a se considerar nas emoções grupais (Barsade & Gibson, 1998) ou emoções baseadas no grupo, terminologia usada por alguns autores (e.g., Kuppens & Yzerbyt, 2014). Do nosso ponto de vista, ambas se mostram inter-relacionadas, podendo atuar como complementares.

A primeira perspectiva advoga que as emoções grupais seriam um atributo do grupo, ou seja, manifestar-se-iam em nível grupal como um elemento auxiliador na percepção do indivíduo de seu pertencimento a um grupo específico. Além do compartilhamento de crenças e repertórios comuns, serviriam como um referencial para a autoafirmação individual e de semelhança com os demais membros do grupo. Esse fenômeno atrairia o indivíduo para o endogrupo, distanciando-o dos demais (Mackie & Smith, 2016, 2017). Um grupo de defesa ambiental, por exemplo, tende a atrair membros com valores compatíveis às causas ambientais. Sendo assim, um observador externo facilmente conseguiria inferir atributos compartilhados pelos membros desse grupo. As emoções que unem os membros do grupo e definem a pertença grupal já se mostram presentes nos indivíduos que se filiam a esse grupo (Bar-Tal, Halperin, & De Rivera, 2007). Seria esperado que uma ameaça às causas ambientais levasse os membros a experimentarem emoções similares pelo fato de haver forte identidade grupal.

A segunda perspectiva define emoções grupais como aquelas compartilhadas pelos membros do grupo. Nesse sentido, o grupo definiria quais seriam as emoções prevalentes, como expressá-las para si (endogrupo) e para os demais grupos (exogrupos), e como regulá-las. O grupo não apenas transmite crenças, modos de pensar, de sentir e de agir, mas orienta cada membro do grupo a exibir emoções ante situações sociais mais diversas que envolvem o grupo de pertencimento e demais grupos de interação. Isso se torna mais evidente em grupos que estão em processo de construção de identidade.

Um grupo pode se organizar para combater a subutilização do talento de pessoas com deficiência no contexto das organizações de trabalho, por acharem injusto que elas estejam sendo alocadas em funções menos qualificadas. Nesse caso, as experiên-

cias emocionais de seus membros individualmente vão sendo gradativamente incorporadas e assumidas como representativas do grupo. Alguns podem ter sido mais discriminados que outros e ainda pensarem de maneira distinta em como lutar contra esse estado de coisas. O esforço passa a ser integrar essas experiências emocionais e organizá-las em formas de ação que aumentem as chances de êxito social.

Se no caso das emoções grupais como atributo do grupo, o aspecto chave é o pertencimento a um grupo ou categoria social, fazendo emergir tipos específicos de emoções, no caso das emoções grupais como emoções compartilhadas, o pertencimento passa a ser menos importante; o fator decisivo recai sobre a força e a intensidade desse compartilhamento, que passa a ser um esforço de construção coletiva. Quanto maior o consenso intragrupo, acompanhado da marcante autocategorização (reconhecer-se pertencente a esta categoria), maior seria a força do compartilhamento, tornando possível prever com mais segurança as emoções e os comportamentos dos membros desse grupo em relação a si e aos demais.

Em síntese, o indivíduo reage mais como membro de um grupo do que como pessoa individualmente. Sendo assim, compreende-se que as emoções grupais fortalecem os laços de pertencimento grupal (faceta intragrupal) e fazem com que haja distanciamento ou aproximação com outros grupos sociais (faceta intergrupala) (Mackie, Devos, & Smith, 2000; Mackie, Smith, & Ray, 2008; Smith, Seger, & Mackie, 2007; Tajfel, 1974).

Nesta seção, procuramos caracterizar que uma emoção se mostra no nível do grupo quer pela força do compartilhamento construído entre seus membros, aumentando a coesão, quer pela suposição de que a característica do grupo social atrairia pessoas com as mesmas afinidades, ratificando a identidade social (Smith, 1993). Do mesmo modo que algumas emoções dos membros dos grupos fortalecem o vínculo de pertencimento a um grupo e a identidade grupal, outras emoções também são cultivadas dentro do grupo para demarcar e diferenciar-se de outros grupos que não investem ou advogam a mesma causa. As primeiras seriam classificadas como emoções intragrupais e as segundas intergrupais, e em sua manifestação contribuiriam para a formação de preconceitos e de estereótipos. Sendo assim, a identidade social acaba por contribuir para a demarcação de fronteiras intra e intergrupo com efeitos às vezes nocivos para as relações intergrupais.

5.6 EMOÇÕES COLETIVAS E INTERGRUPAIS

Na seção anterior, tratamos mais especificamente das emoções grupais ou baseadas no grupo. É preciso considerar, no entanto, haver um conjunto de emoções que podem extrapolar os limites do grupo e virem a ser mais amplamente compartilhadas por vários coletivos de pessoas. A essa categoria damos o nome de emoções coletivas (Sullivan, 2018). As emoções coletivas são reações emocionais de nível macro que emergem das interações entre várias pessoas e são partes integrantes das atividades ritualísticas de uma coletividade, podendo incitar as pessoas à ação coletiva, promover solidariedade, coesão (celebrações e lutos coletivos) ou demarcar fronteiras e ex-

clusão (conflitos, polarizações), e influenciar o que as pessoas acreditam, desejam e valorizam (Bar-Tal et al., 2007; von Scheve & Salmela, 2014). As emoções coletivas geralmente surgem quando um coletivo ou grande grupo de pessoas respondem emocionalmente à mesma situação enquanto interagem, ou seja, sente fortes emoções que são compartilhadas, e que não podem ser capturadas examinando apenas os processos afetivos no nível individual. É preciso que se tenha conhecimento das emoções uns dos outros, da influência mútua na qualidade, magnitude e duração da experiência emocional (Goldenberg, Garcia, Halperin, & Gross, 2020) e do desenvolvimento de um senso de coletividade e identidade.

Em 25 de maio de 2020, em Minneapolis, EUA, um policial branco, assassinou George Floyd, homem afro-americano, ao ajoelhar-se no pescoço dele por mais de oito minutos, enquanto dois outros policiais o ajudavam. Toda a ação policial foi gravada por um aparelho celular e amplamente divulgada nas redes sociais e transmitida pelos meios de comunicação do mundo. A indignação em resposta ao assassinato de Floyd rapidamente aumentou, e a raiva amplamente compartilhada gerou revolta social e uma série de manifestações e protestos antirracistas e contra a violência policial, dando visibilidade ao movimento social, conhecido como *Black Lives Matter*, que luta pela igualdade racial e social.

Outro exemplo de emoção coletiva amplamente compartilhada pela sociedade é a nostalgia (Smeekes, 2015; Wildschut, Bruder, Robertson, Tilburg, & Sedikides, 2014). Sentimento idealizado de que, no passado, vivia-se melhor e que se associa ao forte desejo de retorno a este estado de coisas, que pode vir a desencadear um clima emocional que vai além dos limites do compartilhamento de um grupo. Em momentos de crise econômica, social e política é previsível que algumas pessoas, especialmente idosos e adultos tendam a ver regimes anteriores e totalitários como melhores do que efetivamente foram no passado (Sá, 2014), idealizando um passado controverso. O mesmo fato pode ser observado na ativação e compartilhamento de fortes emoções coletivas durante o período de pandemia de Covid-19. Rapidamente, devido às incertezas sobre a doença e seus impactos sociais, políticos e econômicos, observou-se a difusão e compartilhamento nas relações interpessoais e nos diversos meios de comunicação locais e globais o relato do aumento de estados afetivos de ansiedade, medo, tristeza, raiva, e positivos, como a solidariedade, compaixão, empatia etc. (Metzler, Rimé, Pellert, Niederkrotenthaler, Di Natale, & Garcia, 2022).

A vivência de experiências emocionais fortes desencadeia o compartilhamento social das emoções. A revelação emocional é um fenômeno complexo que resulta em implicações interpessoais e sociais (Rimé, Bouchat, Paquot, & Giglio, 2019). Mas afinal, como esses sentimentos e emoções são compartilhados em um nível que extrapola os limites grupais? Um conceito bastante útil no entendimento é o contágio, que pode contribuir para aumentar o alcance desse compartilhamento das emoções para além do grupo (Hatfield, Cacioppo, & Rapson, 1993). Trata-se de um processo de contaminação de estados afetivos que ocorre em um nível não consciente entre os indivíduos (Duell, Memon, Treur, & van der Wal, 2009) e pode atingir multidões (Salminen, Ravaja, Kallinen, & Saari, 2013; Yin, Tang, & Li, 2012). Por exemplo: o linchamento de um suspeito acusado de ter estuprado uma menina de 10 anos, realizado por

um grupo de pessoas, pode ser facilmente explicado pela obstaculização da capacidade de raciocinar sobre formas de agir e lidar com a força da revolta que essa conduta desviante despertou nas pessoas. A forte emoção emergente (comoção), um misto de indignação e revolta arrebatadora, funcionaria como uma espécie de contágio emocional e que contaminaria a todas as pessoas, levando-as a atuarem de maneira distinta do que o fariam isoladamente. Nesse tipo de fenômeno, a individualidade e a racionalidade se veem enfraquecidas, a favor da emergência de uma mente coletiva, que seria independente do indivíduo com suas características próprias (Le Bon, 1895/2019) (ver Capítulo 1 deste Manual).

Apesar de as emoções coletivas não se confundirem com as emoções grupais e intergrupais, é preciso considerar que se somadas geram efeitos sobre os comportamentos pró-sociais ou antissociais (Garcia-Prieto, Tran, Stewart, & Mackie, 2009; Goldenberg, Halperin, van Zomeren, & Gross, 2015; Mackie, Smith, & Ray, 2008; Smith, 1993; Mackie et al., 2000). Embora ambos os comportamentos sejam importantes na compreensão da dinâmica social, nos conflitos e na violência coletiva, possuem efeitos desastrosos na vida social. A qualidade das relações intergrupais contribui sobremaneira para esse desfecho negativo.

Por esse ângulo, a teoria da identidade social vai elucidar que os esforços grupais para fortalecer a identidade social vêm acompanhados de atitudes negativas para melhor distinguir as qualidades do endogrupo (nós), diferenciando-se do exogrupo (outros) (Tajfel, 1974; Turner et al., 1987). Isso nos permite inferir que as emoções grupais e intergrupais contribuem para o acirramento de conflitos, inclusive os mais duradouros, como os que ocorrem no Oriente Médio, Siri Lanka, Chechênia entre outros (Bar-Tal, 2014; Bar-Tal, Diamond, & Nasie, 2016). Tais conflitos são fortemente apoiados no fortalecimento da identidade social, o que aumenta a intolerância para com o diferente. O conflito entre grupos, portanto, alimenta-se de um forte compartilhamento de emoções e sentimentos negativos (ódio, raiva, desprezo etc.) contra coletivos ou grupos defensores de ideias, crenças e valores divergentes (Roccas & Brewer, 2002).

No caso do preconceito, por exemplo, considerado uma atitude negativa para com outros grupos sociais, o fato de uma pessoa ser reconhecida como membro de um grupo-alvo do preconceito faria emergir emoções negativas, como nojo, raiva e desprezo (ver Capítulo 12 deste Manual). Quanto mais fortemente essas emoções forem compartilhadas pelos membros do próprio grupo, maiores as chances de discriminação, de rechaço e até mesmo de agressão e extermínio para com o outro grupo (Miller, Smith, & Mackie, 2004).

A percepção de ameaça ao grupo de pertencimento pode também desencadear comportamentos discriminatórios para com os membros de outro grupo. Isso torna compreensível, por exemplo, que grupos majoritários possam reagir emocionalmente de modo negativo às políticas sociais de inclusão e de respeito à diversidade na contratação para postos de trabalho pessoas de grupos minoritários, por perceberem-nas como injustas, ao considerarem o mérito que acreditam ter quando se comparam com esses grupos minoritários (Garcia-Prieto, Mackie, & Smith, 2009). Ajuda a entender

também o preconceito em relação a imigrantes, que desemboca muitas vezes em comportamentos altamente discriminatórios (Kessler et al., 2009) e violentos, como observado no brutal assassinato do jovem imigrante congolês, Moïse Kabagambe, em janeiro de 2022, na cidade do Rio de Janeiro.

Comportamentos racistas também podem ser explicados pela demarcação entre grupos, cultivando atitudes negativas para com os membros de outros grupos. De acordo com a teoria da infra-humanização (Leyens et al., 2000, 2001), haveria uma atribuição diferenciada de estados afetivos e emocionais aos membros do próprio grupo e do outro grupo. Aos primeiros seria atribuída maior capacidade de experimentar emoções secundárias (sentimentos), consideradas complexas, conscientes e racionais e, predominantemente humanas. Os membros de outros grupos, por sua vez, apenas seriam capazes de experimentar emoções básicas, as menos conscientes, universais e que nos aproximariam dos animais. Em outras palavras, a força da demarcação entre grupos favorece o enaltecimento emocional dos membros do próprio grupo e a depreciação dos de outro grupo mediante a atribuição de determinados tipos de emoções (Ojiambo & Louw, 2015).

O ódio racial na Alemanha, por exemplo, levou muitos judeus, ciganos, eslavos etc. aos campos de extermínio. Na América Latina, regimes ditatoriais, ao se utilizarem de um discurso de combate à ameaça do comunismo, assassinaram e torturaram opositores ao regime. Na Guerra Civil em Ruanda, em apenas três meses diferentes grupos étnicos, tutsis e hutus entraram em conflito, culminando no genocídio de 800 mil tutsis. Mas se os conflitos são tão cruéis, devastadores e ruins, por que se sustentam ao longo do tempo?

Situações oriundas de crises políticas, sociais, econômicas e eventos traumáticos (assassinatos, perseguições políticas, torturas etc.) podem fortalecer os laços intragrupos e fragilizar os laços afetivos positivos com os demais grupos, minando o sentido de integração social e pertencimento, acompanhado do acirramento de afetos negativos, da violência e do conflito (Arnoso et al., 2011). Um dos caminhos adotados para superar as rupturas do tecido social, as divergências e os conflitos do passado e alcançar integração social são as tentativas de reconciliação e do perdão intergrupal. Um esforço na direção de reconstruir a memória social do passado e superar os conflitos e a violência sofrida mediante o fortalecimento de emoções positivas.

Conforme havíamos dito, as emoções intergrupais podem contribuir para acirrar o ódio, os conflitos e a violência entre grupos, povos e nações, gerando danos difíceis de serem reparados ao longo do tempo. Mas podem também ajudar a cultivar valores morais, de justiça e respeito às diferenças, para reduzir o preconceito e a discriminação, contribuindo para uma cultura pautada na igualdade, cooperação e paz (Bar-Tal, Halperin, & de Rivera, 2007; Bar-Tal, Rosen, & Nets-Zehngut, 2011; Mullet, Pinto, Nann, Kadiangandu, & Neto, 2011). O fortalecimento do compartilhamento de valores morais e sentimentos a eles associados contribui para criar um clima emocional positivo entre os grupos, e aumentar a ojeriza ao preconceito, exploração, discriminação, exclusão e violência contra membros de grupos minoritários (Fernando, Kashima, & Laham, 2014).

Ao assumirmos que as emoções são, em sua maioria, social e culturalmente aprendidas (e.g., secundárias, morais, grupais, coletivas), e que atuam como motivadoras das nossas condutas, é possível ampliarmos o entendimento dos processos emocionais e de sua contribuição na construção de novos caminhos para enfrentar e superar os conflitos e alcançar uma sociedade mais justa, igualitária e alicerçada na cultura da paz. Para isso, não existe atalho e nem caminho fácil. É preciso modificar a infraestrutura social e psicológica do conflito e pensar em uma educação geral inclusiva pautada na harmonia, na igualdade e na moralidade (Bart-Tal et al., 2011; Bar-Tal, Halperin, & de Rivera, 2007). Conforme defende a ONU (Organização das Nações Unidas, 1995), para se atingir esse patamar da cultura da paz, as sociedades devem priorizar um conjunto de fatores socioestruturais, políticos e culturais que promovam o desenvolvimento e a igualdade, o uso de meios não violentos pelo Estado, o cuidado com a educação e a valorização da cooperação e do cuidado mútuo (Techio et al., 2021).

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esperamos que, ao final da leitura deste capítulo, o(a) leitor(a) tenha compreendido que a vida social está fortemente fundada em aspectos afetivos-emocionais-motivacionais que se manifestam no nível do indivíduo, do grupo e das coletividades. Que os aspectos emocionais não se antagonizam à racionalidade e à cognição humanas, mostrando-se combinados de uma forma complexa e desafiadora para os estudiosos.

Apesar de as emoções responderem de modo ativo pela sobrevivência (biológica) da espécie humana no tempo, seus contornos, funções e papéis na vida humana foram se modelando em um contínuo processo de troca simbólica com o ambiente social e cultural. De manifestações reativas a manifestações intencionais e valorativas, as emoções assumem relevância vital no modo como experimentamos o mundo e projetamos o futuro. A aprendizagem de emoções sociais, morais e coletivas nos qualifica como seres ativos no mundo assumindo a responsabilidade pelo que pode vir a acontecer com a nossa espécie. Em síntese, representam a nossa capacidade de aprender a lidar com as situações envolvendo o medo, o ódio, a desesperança, a injustiça, a raiva, o nojo e a tristeza, capacitando-nos a cultivar emoções promotoras da convivência harmoniosa com outros indivíduos, aumentando a esperança de êxito futuro da vida humana em sociedade.

GLOSSÁRIO DOS CONCEITOS CENTRAIS ABORDADOS NESTE CAPÍTULO

| Conceitos-chave | Definição |
|---------------------|---|
| Emoções | São fenômenos psíquicos importantes para a adaptação humana e a vida em sociedade. Podem ser caracterizadas por quatro componentes: (a) excitação neurofisiológica decorrente de um contato direto com um evento afetivo externo ou interno, que prepara o organismo para a ação; (b) expressões e manifestações faciais, corporais e verbais, que correspondem ao modo como as emoções são sentidas, visualizadas e relatadas entre os indivíduos; (c) senso de propósito, que corresponde ao aspecto motivacional das emoções, uma vez que esses estados nos direcionam a realizar ações visando extinguir ou aumentar as sensações vivenciadas; e (d) experiências subjetivas que correspondem à consciência acerca dos processos emocionais e à interação das emoções com os componentes cognitivos (Reeve, 2009) |
| Emoções Primárias | Correspondem às respostas instintivas e imediatas a um determinado evento ou circunstância, sendo de curta duração. Mostram-se como as primeiras respostas fisiológicas que ocorrem logo após um evento que a desencadeie. Essas respostas têm caráter adaptativo e traduzem-se em expressões faciais, vocais e motoras. São exemplos de emoções primárias: Medo, Raiva, Nojo, Alegria e Surpresa (Ekman, 2003) |
| Emoções Secundárias | Referem-se a estados afetivos decorrentes de experiências sociais e processo de elaboração cognitiva (<i>self</i>), podendo resultar de múltiplas combinações de emoções primárias. Esses estados afetivos ou sentimentos podem ter duração mais longa, pois independem diretamente de um evento desencadeador eliciador. Podem ser vivenciados mesmo que o evento original já tenha cessado. As experiências sociais influenciam como essas emoções serão expressas e que ações são permitidas para manifestá-las, e, portanto, seu modo de expressão pode variar entre culturas (Trzebińska, Dowgiert, & Wytykowska, 2014). São exemplos de emoções secundárias: Inveja, Orgulho, Vergonha, Culpa etc. |
| Emoções Sociais | Referem-se àquelas emoções secundárias que atuam como facilitadoras das interações sociais e a formação de grupos coesos, e dessa maneira são principais motivadores nos processos de afiliação interpessoal e identificação com um grupo de pertencimento, contribuindo para a adesão e o cumprimento de normas e a avaliação da conduta coletiva (Krendl & Heatherton, 2009). São exemplos de emoções sociais: Orgulho, Admiração, Culpa e Vergonha |
| Emoções Morais | Representam o estatuto a que as emoções galgam, quer sejam primárias ou secundárias, e que estão diretamente relacionadas às decisões de cunho ético/moral. O <i>self</i> moral (Blasi, 1983) exerce um papel importante, funcionando como uma instância reflexiva sobre a aprovação ou reprovação da conduta pessoal e alheia. O <i>self</i> moral contribui para a incorporação de emoções morais como parte do autoconceito e à identidade pessoal. A raiva e o nojo, que representam emoções primárias, podem ser disparadas ante situações de injustiças, violações e desrespeito. Emoções secundárias e sociais também podem assumir caráter moral, como a compaixão, a elevação, a empatia, a vergonha, a admiração e a culpa (Etxebarria, 2020) |

| | |
|-------------------|---|
| Emoções Grupais | Emoções grupais podem ser definidas como os estados afetivos que emergem à partir da combinação de experiências emocionais individuais com o contexto afetivo presente em um grupo. A combinação das experiências afetivas individuais que são compartilhadas entre os membros de um grupo, e os elementos contextuais presentes no grupo em que se percebem as semelhanças com os demais membros, regula a forma no qual as experiências afetivas passam a ser notadas e interpretadas pelo grupo como um todo. As emoções grupais atuam como facilitadores para a formação de um grupo, bem como possibilitam a identificação com o grupo de pertencimento. Com isso, os indivíduos passam a descrever e expressar emoções e avaliarem seus processos emocionais partindo das informações adquiridas no grupo. O grupo funciona tanto como o contexto em que ocorre a expressão de emoções, quanto auxilia na regulação dos processos emocionais (Barsade & Gibson, 1998) |
| Emoções Coletivas | Emoções coletivas se referem àquelas emoções que surgem coletivamente e são compartilhadas ao mesmo tempo por um número considerado de pessoas. Elas emergem num nível macro e que não podem ser capturadas no nível individual, portanto são estados psicológicos compartilhados (Bar-Tal et al., 2007; von Scheve & Salmella, 2014). As práticas sociais e culturais, as crenças e os valores socialmente compartilhados, a lealdade aos grupos, à mídia e a comunicação, as estratégias políticas e discursos, cooperam para a compreensão das emoções em termos coletivos |

MATERIAL SUPLEMENTAR

1- *Divertidamente* da Disney – animação: aborda como as emoções interferem em nossa vida.

2- *A mecânica do coração* – animação: aborda a necessidade de viver as emoções.

3- *UP- Altas aventuras* – da Disney – animação: aborda decepções, sonhos e adversidades.

4- *Frozen* – aborda o poder das emoções e seus efeitos.

5- *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* – aborda os valores nobres com humor e sensibilidade.

6- *O Discurso do Rei* – aborda como o conhecimento das emoções é essencial no controle de um problema.

7- *Avatar* – aborda as emoções em diferentes culturas.

8- *À Procura da Felicidade* – aborda o papel das emoções.

9- *América Proibida* – aborda a emoção de ódio e suas repercussões.

10- *12 Anos de escravidão* – aborda os conflitos interétnicos/raciais.

11- *Quanto Vale ou É Por Quilo?* – Filme brasileiro: aborda problemas raciais e sociais

12- *Olhos que condenam* – aborda conflitos interétnicos/raciais.

DOCUMENTÁRIO

1- *Happy e a busca pela felicidade* – explora a busca da felicidade humana por meio de entrevistas.

2- *Inteligência emocional* – aborda a importância de reconhecer as emoções, para aprender a lidar com cada uma delas.